



HUMANIVERSIDADE HOLÍSTICA

História e Filosofia Chinesa



Símbolo Yin-Yang



Avenida Ceci, 2262 – Planalto Paulista – São Paulo – SP – 04065-004

Telefones: 5055- 2800 - 5055-0880

Site: www.humaniversidade.com.br – E-mail: academico.humani@espacoholistico.com.br

Humaniversidade formando você um dos mais dedicados e competentes terapeutas do planeta!

Índice

Matéria	Páginas:
História e Filosofia Chinesa_____	02
Os Trigramas_____	02
História das Medicinas_____	02
1.Era Pré-histórica na China_____	02
2.Antiguidade (4000 a.C. a 476 d.C.)_____	04
3.Idade Média (476 -1453 d.C.)_____	09
4.Idade Moderna (1453 -1789)_____	11
5.Idade Contemporânea (1789 até os dias atuais)_____	13
6.A identidade do terapeuta atual_____	19
7.A busca de uma nova identidade_____	20
8.Referências Bibliográficas_____	21

História e Filosofia Chinesa



Os Trigramas

Os oito trigramas - os símbolos formados por três linhas - são os componentes básicos dos hexagramas. É a partir de seus atributos que se deduzem o sentido e os diferentes significados de cada um dos 64 hexagramas.

Os trigramas não são considerados apenas para traduzir o conteúdo dos hexagramas. Os mestres chineses são hábeis para compreender os ciclos e deduzir seus aconselhamentos a partir de diferentes distribuições circulares dos oito trigramas.

Nomes e alguns exemplos de atributos de cada trigrama.

	Céu. Criador, forte. É espacial, invisível e ilimitado. Representa o pai. Parte do corpo: cabeça. Símbolo animal: cavalo.
	Terra. Receptivo, maleável, dedicado. É formal, visível e limitado. Representa a mãe. Parte do corpo: ventre. Animal: Vaca.
	Montanha. Quietude. É o concreto, o sólido e a acumulação sólida. Representa o filho mais novo. Parte do corpo: mão. Animal: Cão.
	Lago. Alegria, jovialidade. É a incógnita, a acumulação líquida. Representa a filha mais nova. Parte do corpo: boca. Animal: carneiro.
	Trovão. O que desperta e movimenta. Desperta o mundo interior. Representa o folho mais velho. Parte do corpo: pé. Animal: dragão.
	Vento. Madeira, suave, penetrante. Desperta o movimento exterior. Representa a filha mais velha. Parte do corpo: coxa. Animal: galo.
	Fogo. Sol. Luminoso, aderente. É o impulso ascendente. Representa a filha do meio. Parte do corpo: olho. Animal: faisão.
	Água. Nuvens, abismo, perigo. É o impulso descendente. Representa o filho do meio. Parte do corpo: ouvido. Animal: porco.

História das Medicinas

(Cronologia de fatos históricos da Medicina Oriental e Ocidental)

1. Era Pré-histórica na China

Segundo a tradição lendária, na época pré-histórica por volta de 6000 a.C., o imperador Fu Hsi formulou os oito trigramas e os primeiros símbolos das duas maiores forças do universo: a dualidade conhecida como Yin e Yang (Cheré, 2002).



Mas indícios dos primeiros trigramas são mais remotos. Há certas pedras (seixos) que podem ser datadas entre 50.000 e 40.000 anos a.C. Foram descobertas na China em camadas geológicas, que foram datadas com exatidão. Estes seixos apresentam três linhas: geralmente duas linhas contínuas e uma linha quebrada. Não têm origem natural, foram trabalhadas manualmente sendo denominadas trigramas.

1.1 Cronologia das dinastias chinesas

Período: Paleolítico (ca. 1.700.000 a 8.000 a.C.)

Cultura e dinastia: Homem de Pequim
Duração (em anos): ca. 500 000 a.C.

Período: Neolítico (ca. 8.000 a 2.000 anos a.C.) (Culturas Pré-dinásticas)

Cultura e dinastia: Yangshao (Centro-norte)
Duração (em anos): ca. 5000 a 3000 a.C.

Cultura e dinastia: Hongshan (Nordeste)
Duração (em anos): ca. 3600 a 2000 a.C.

Cultura e dinastia: Liangzhu (Sudeste)
Duração (em anos): ca. 3600 a 2000 a.C.

Cultura e dinastia: Longshan (Leste)
Duração (em anos): ca. 3000 a 1700 a.C.

Período: Dinastias Antigas (ca. 2100 a 220 anos a.C.)

Cultura e dinastia: Xia (período da sociedade escravista)
Duração (em anos): ca. 2100 a 1600 a.C.

Cultura e dinastia: Shang (período da sociedade escravista - a técnica de fundir o bronze já era bem avançada)

Duração (em anos): ca. 1600 a 1100 a.C.

Cultura e dinastia: Zhou
Duração (em anos): ca. 1100 a 256 a.C.

Cultura e dinastia: Zhou do Oeste
Duração (em anos): 1100 a 771 a.C.

Cultura e dinastia: Zhou do Leste (Período da Primavera e Outono) (período de transição da sociedade escravista para a feudal - surgiu a técnica de produção de aço)

Duração (em anos): 770 a 256 a.C. 770 a 476 a.C

- 600 a 500 a.C. - surgimento do Taoísmo por Lao Tse ("o velho mestre") e Chuang-tzu (369 a.C. a 286 a.C.) seu maior divulgador;
- 551 a 479 a.C. - época do Filósofo Ch'iu K'ung (Confúcio)

Cultura e dinastia: O período dos Reinos Combatentes
Duração (em anos): 471 a 221 a.C.

Período: China Dinástica (221 a.C. a 1911 d.C.)

Cultura e dinastia: Dinastia CH'IN
Duração (em anos): 221 a 207 a.C.

Cultura e dinastia: Dinastia HAN (Han do Oeste/Han do Leste)
Duração (em anos): 206 a.C. a 220 d.C. (206 a.C. a 24 d.C./25 a 220 d.C.)

Cultura e dinastia: Período de Desunião/Período de Três Reinos
Duração (em anos): 220 a 589/220 a 280

Cultura e dinastia: JIN do Oeste/JIN do Leste
Duração (em anos): 265 a 316/317 a 420

Cultura e dinastia: Dinastias do Sul (Song/Qi/Liang/Chen)
Duração (em anos): 420 a 589

Cultura e dinastia: Dinastias do Norte (Wei do Norte/Wei do Leste/Qi do Norte/Zhou do Norte)
Duração (em anos): 386 a 581

Cultura e dinastia: SUI (Dinastias do Norte)
Duração (em anos): 581 a 618

Cultura e dinastia: TANG (dinastias do Norte)
Duração (em anos): 618 a 907

Cultura e dinastia: Cinco Dinastias
Duração (em anos): 907 a 960

Cultura e dinastia: Song/Song do Norte/Song do Sul (Cinco Dinastias)
Duração (em anos): 960 a 1279/960 a 1127/1127 a 1279

Cultura e dinastia: Yuan (Cinco Dinastias)
Duração (em anos): 1279 a 1368

Cultura e dinastia: Ming (Cinco Dinastias)
Duração (em anos): 1368 a 1644

Cultura e dinastia: Qing (Cinco Dinastias)
Duração (em anos): 1644 a 1911

Período: China Moderna (1911 ao presente)

Cultura e dinastia: República da China
Duração (em anos): 1912 a 1949

Cultura e dinastia: República Popular da China
Duração (em anos): 1949 ao presente

2. Antiguidade - 4000 a.C. a 476 d.C.

Antiguidade - fatos históricos

- 4000 a.C. - data que marca o início da antiguidade com o surgimento do primeiro sistema de escrita na Mesopotâmia, o pictograma (desenhos simplificados que expressavam a realidade);
- 3200 a.C. - os egípcios criam os Hieróglifos, que é a combinação de pictogramas e ideogramas (símbolo que representa uma ideia completa);
- 2700 a.C. - 2500 a.C. - As grandes pirâmides do Egito foram construídas;
- 2700 a.C. - surge a escrita chinesa, o ideograma. A forma usada até hoje é de 213 a.C. com 50 mil símbolos gráficos e 8 mil de uso corrente;
- 2500 a.C - primeiros jogos olímpicos em honra a Zeus;
- 1650 a.C. - primeiro alfabeto (símbolos para sons da fala) de 22 letras na Fenícia (atual Líbano, Síria e Palestina);
- 1000 a.C. - surge o alfabeto na Grécia (que seu origem ao alfabeto latino) e em 500 a.C. passou a ser lido da esquerda para a direita.

2.1 Antiguidade na China

Ao Legendário Imperador Amarelo Huang-Di (2697 - 2597 a.C.) é atribuído o livro NeiJing Su Wen (Assuntos Fundamentais do Livro Clássico que Trata do Interno), no qual ele dirige aos seus conselheiros, questões fundamentais sobre a medicina e filosofia da época (Wong, 1988; Huard & Wong, 1990; Rebelatto & Botomé, 1999, Cheré, 2002).

Neste compêndio da saúde e filosofia chinesas, foram discutidas as artes médicas chinesas descrevendo meridianos, funções dos órgãos, nove tipos de "agulhas", técnicas de aplicação e a localização de 160 pontos (Cheré, 2002). É dito que é o livro de ensino médico mais velho no mundo e que Shen Nung (citado neste livro), considerado o pai de Medicina chinesa, teorizou que o corpo tem uma forma de energia que corre ao longo de canais específicos (meridianos) pelo corpo. Esta forma de energia é conhecida como "Qi" Segundo Singer (2002), este médico também documentou teorias sobre circulação, pulso, e o coração mais de 4000 anos antes que a medicina europeia tivesse algum conceito sobre eles.

Na escavação arqueológica de Anyang, foram encontradas várias pedras singularmente afiadas (como agulhas) chamadas de "Bian", para furar a pele e tratar doenças. Estas descobertas datavam de 1700 a.C. (Hopwood et al., 2001).

2.2 Confúcio ou k'ong-fu-tzu (O Venerável Grande Mestre)

Confúcio (551-479 a.C.), vivendo numa época de constante guerra, de caos político e social (chamado "O período dos Reinos Combatentes" - quando todos os valores humanos estavam desmoronando, esquecidos, desprezados), procurou restaurar a harmonia, a ordem e o amor na sociedade.

Em meio a esses conflitos, Confúcio empreende o resgate do estudo dos ritos e dos grandes Reis, e dedicou sua vida a buscar um ideal e uma realização: ser conselheiro de um grande Rei e governar para a paz.

Para tanto, compilou as obras mais importantes dos escritos antigos (datadas de até dois mil e quinhentos anos antes de Confúcio), reorganizou-as e editou-as de acordo com seus princípios. E depois de sua morte, esses pensamentos têm predominado na cultura chinesa até hoje, portanto, por outros dois mil e quinhentos anos...

Nesse trabalho de editor, pôs em prática sua tese da importância da relação entre memória e educação, que é a base da pedagogia ocidental. Convergem assim, na educação para o lembrar.

Essas teses encontram-se também formuladas em Confúcio.

No livro A Grande Escola, Confúcio - comentando uns versos do Livro dos Cantares - atribui aos grandes antigos, precisamente a excelsa qualidade de não-esquecer (razão, aliás, pela qual eles mesmos não são esquecidos):

O Livro dos Cantares diz também: "Oh, os antigos reis não são esquecidos". O homem verdadeiro tem a virtude dos virtuosos e se aproxima do que eles (os reis virtuosos) se aproximam. O povo simples ainda se alegra com suas alegrias e se beneficia de seus bens. "Por isso é que as gerações vindouras não os esquecem"

É o mesmo Confúcio quem nos Analectos proclama o valor da lembrança dos ensinamentos dos Antigos: Confúcio disse: "Eu não nasci sábio. Gosto da sabedoria dos antigos e busco neles para o meu ser"

O que o Mestre afirma, portanto, é que não inventou nada, mas sim aprendeu com os antigos, e aquele que também assim fizer, será sábio:

"É por retomar o antigo que se aprende o novo, e assim nos tornamos mestres" (Os Analectos).

Não se trata, porém, de "conservadorismo", pelo contrário: a recordação dos Antigos é condição de progresso. É o que diz o Mestre no Livro da Harmonia Perfeita:

"É por respeitar a natureza virtuosa que o homem verdadeiro dedica-se a aprender o Tao. Examinando em conjunto e por miúdo, do máximo da claridade encontra o caminho do meio. É por retomar os antigos que se descobre o novo e, com isto, honra os Ritos."

Confúcio diz que os ritos são honrados (isto é, cumprem sua missão) se remetem aos ensinamentos dos antigos...

E no âmbito pessoal, no cotidiano, também devemos recordar quem somos, o que fizemos e o que queremos... e é muito importante que reflitamos todos os dias sobre o que deixamos de aprender ou sobre nossos erros e falhas, e ao final de "um mês" não esquecer as verdades essenciais:

Disse Tsi-Hah: "Perceber a cada dia o que se perdeu (pelo esquecimento...), e em um mês não esquecer daquilo que aprendeu, pode-se afirmar que isto é gostar de aprender (Os Analectos).

Dessa tese de que o homem é um esquecedor decorrem muitas consequências pedagógicas. Por isto este conceito inovador sobre aprendizado e treino da memória são as bases da pedagogia moderna.

Apesar de não ser líder religioso, prega as cinco virtudes: o amor aos outros, a justiça; a retidão de conduta; a sabedoria, e a sinceridade.

"Um homem sem humanidade não poderia viver por muito tempo na adversidade nem poderia conhecer a alegria por muito tempo. Um homem bom apóia-se em sua humanidade, um homem sábio beneficia-se de sua humanidade".

"(..) Quem conseguisse espalhar as cinco práticas no mundo inteiro implementaria a humanidade (..) Cortesia, tolerância, boa-fé, diligência, generosidade. A cortesia repele os insultos, a tolerância conquista todos os corações; a boa-fé inspira a confiança dos outros, a diligência garante o sucesso, a generosidade confere autoridade sobre os outros"

Escreve livros que, posteriormente, são compilados em cinco clássicos: I Ching (Livro das Mutações), Shih Ching (dos Poemas), Shu Ching (da História), Li Chi (da Etiqueta) e Ch'un Ch'iu (Anais da Primavera e do Outono)

2.3 O período dos Reinos Combatentes na China

O período dos Reinos Combatentes na China (475 a.C. - 221 a.C.) é a data oficial da execução da primeira versão do Huang-Di Nei-Jing Su-Wen (Assuntos Fundamentais do Livro Clássico que Trata do Interno, atribuídas ao Imperador Amarelo Huang-Di). Provavelmente este compêndio foi elaborado por uma escola médica que se abrigou sob o nome do legendário Huang-Di e remanejado por vários autores até esta época (Huard & Wong, 1990). Também neste período, foi registrada a primeira referência da teoria dos "Cinco Elementos", que também foi formulada pela escola filosófica "Yin-Yang" ou "Escola Naturalista" (Maciocia, 1996).

Estas duas forças opostas e antagônicas são a base de toda a MTC, ao contrário do ocidental que tende a ver os opostos como absolutos, isto é, ou Yin ou Yang (ou preto ou branco), o oriental acredita nos opostos como forças relativas, no qual, tudo não é tão Yin e nem tão Yang, e cada força tem um pouco da outra, e o extremo de uma leva ao início de outra.

2.4 Unificação da China

Foi o povo Tsin quem, em 221 a.C., unificou a China após muitas batalhas, as quais resultaram em milhares de cabeças decepadas, iniciando a época imperial da História da China. O fundador do império chinês foi o rei de Tsin, Tcheng, que, como imperador, chamou-se Chi Huang-ti (Primeiro Imperador da Dinastia Ch'in). O império chinês durou mais de dois mil anos, até 1912 de nossa era.

O exército Tsin caracterizava-se pela excelência de seu armamento: uma cavalaria de grande mobilidade, uma infantaria ligeira e uma artilharia que compreendia máquinas para sítio, torres móveis e catapultas. Para se ter uma ideia da belicosidade e, principalmente, da crueldade de seus guerreiros basta lembrar que só recebiam pagamento mediante a apresentação das cabeças decepadas dos inimigos. E ao lado desse exército poderoso, o Estado Tsin possuía uma legislação severa e impiedosa que disciplinava de modo rigoroso toda a população (Giordani, 1997).

As histórias sobre o homem que se proclamou o primeiro imperador da China retratam-no como um vilão, tirano e cruel, supersticioso e cheio de caprichos, que reinou pelo terror. Isso pode se dever, em parte, ao fato de que a história de seu regime foi escrita por seus inimigos, os Han, que os sucederam no poder. Segundo os relatos, quando um meteoro caiu na terra e um cidadão escreveu frases anti-governamentais nele, o imperador mandou executar todos que viviam nas vizinhanças. Os historiadores Han contavam também que, em seus últimos anos, Chi vivia tão preocupado com a segurança que dormia em lugares diferentes todas as noites e condenava à morte quem revelasse seus esconderijos noturnos (Giordani, 1997).

O imperador e seu ministro-chefe, Li-Si, eram discípulos de uma doutrina chamada legalismo, segundo a qual o povo seria mais bem controlado por meio de leis rigorosas e punições severas. Os culpados de crimes graves eram decapitados, cortados ao meio pela cintura ou fervidos em caldeirões enormes. Outros delitos tinham como penas, trabalhos forçados, a deportação, as chicotadas e as bastonadas. Como o legalismo contrastava com os ensinamentos humanistas de **Confúcio**, cujas ideias foram mais tarde adotadas pelos Han, embora ele tivesse morrido 227 anos antes da fundação dessa dinastia, o ministro-chefe mandou

destruir todos os livros, com exceção dos técnicos, para livrar o império da considerada nefasta influência dos escritos filosóficos de Confúcio e de Mêncio em 213 a.C.

Diz-se que o conjunto de palácios da capital Tsin era tão imenso que 700 mil trabalhadores forçados haviam participado da construção da principal residência real, um edifício majestoso que podia abrigar 10 mil pessoas. Chi Huang-ti tinha aspirações colossais, foi durante o seu império que um general chamado Meng tian, supervisionando uma força de trabalho provavelmente de mais de 1 milhão de operários, estendeu uma muralha por toda a fronteira setentrional da China, para conter os assaltos de bárbaros. Esta obra daria origem à famosa Grande Muralha, que teve início no reinado de Chi e prosseguiu até à dinastia Ming (1368-1644), somando atualmente 7300 km de extensão.

Chi Huang-ti determinou que a discussão dos livros condenados, os quais ele mandara destruir, era considerado crime capital. O seu próprio filho foi condenado ao exílio para a fronteira do norte por ter criticado o pai. Conta-se ainda que, em seu ataque mais selvagem, o imperador mandou executar 460 intelectuais, aparentemente porque suspeitava estarem mancomunados contra ele.

Os funerais de Huang-ti foram tão grandiosos e cruéis como fora sua vida. Sepultado nas proximidades de sua imponente capital, Hien-Yang, situada na margem setentrional do rio Wei, ao norte da atual Tch'ang'ngan, arrastou para as profundezas de seu monumental túmulo não só os operários que no mesmo haviam trabalhado, mas todas as mulheres de seu harém que não lhe haviam dado filhos.

O túmulo de Chi Huang-ti, começou a ser construído quando ele tinha 13 anos e possuía um exército de terracota em tamanho natural, com cerca de 6 mil soldados, criado para protegê-lo por toda a eternidade. O maior dos fossos continha a infantaria. Os artistas criaram rostos sem moldes, provavelmente baseados em soldados reais. Não há dois iguais. Alguns contemporâneos do imperador não tiveram a mesma sorte quanto aos que serviram de modelo para as figuras de barro: várias de suas concubinas e muitos trabalhadores escravos, foram enterrados vivos na tumba.

Em 210 a.C., quando Chi Huang-ti morreu, Li-Si e um eunuco chamado Zhao Gao conspiraram para impedir que o verdadeiro sucessor assumisse o trono, colocando em seu lugar um dos filhos de Chi dominado por eles, mas logo Li-Si foi traído por Zhao Gao, o qual, em 208 a.C., promoveu a execução do ministro, que foi cortado em dois, pela cintura.

2.5 Antiguidade na Grécia e Roma

No mesmo período na Grécia o médico Alcméon (600-500 a.C.) realiza a primeira dissecação de um cadáver humano e sugere que os sentidos estão ligados ao cérebro.

Na Ilha de Cós, Grécia, Hipócrates (460 a.C. - 377 a.C.) desenvolvia a "ginástica médica" integrada ao sistema de medicina preventiva. Na época, três medicinas imperavam a "medicina popular", que era realizada nos templos, na qual as pessoas eram tratadas durante o sono pelos deuses, esta não recebia muito crédito dos filósofos e intelectuais gregos; a "medicina teórica" dos filósofos e a "medicina esculápia" dos clínicos. Esta última era encabeçada por Hipócrates que unia, entre outras coisas, a ginástica originária no séc. VI a.C., em Esparta, com os conhecimentos médicos da época. O tratamento da "ginástica médica" consistia em um regime dietético e na prática da higiene cotidiana, que tinha como principal enfoque o banho por duchas e imersões. Os banhos com imersões eram seguidos da utilização de loções detergentes à base de potássio ou sódio, na forma de carbonato impuro, que eram finalizadas por fricções com óleos, também remanescentes da ginástica Espartana. A "ginástica médica" também compreendia diferentes tipos de massagens: deslizamento superficial, compressão, pinçamento, pressão metódica e fricções. Uma bexiga cheia de ar ou uma palmatória podiam servir como agentes de percussão ou auxiliar nas manipulações. O médico da época também realizava cinesioterapia com movimentos passivos, ativos naturais ou contrariados (resistidos) e sincronizados. Estes procedimentos, antes empregados em indivíduos saudáveis, estavam sendo dirigidos a casos patológicos. Uma das escolas da época "os solidistas", acreditavam que as manipulações restabeleciam a flexibilidade articular (Huard & Wong, 1990).

Segundo Delpeuch apud Huard & Wong (1990) "Os médicos que seguiam a linha hipocrática achavam que os medicamentos só deveriam ser utilizados em casos extremos e que o uso da polifarmácia, de origem oriental, é costume encontrado somente entre empíricos, inimigos dos filósofos e dos clínicos". É necessário esclarecer que os fitoterápicos chineses não eram bem compreendidos pelos gregos, que os repudiavam como sendo elementos não naturais ao homem.

“No âmago da medicina hipocrática está a convicção de que as doenças não são causadas por demônios ou forças sobrenaturais, mas são fenômenos naturais que podem ser cientificamente estudados e influenciados por procedimentos terapêuticos e pela judiciosa conduta de vida de cada indivíduo” (Capra, 1999, p. 304).

Hipócrates reconheceu a existência de forças curativas inerentes aos organismos vivos que chamou de ‘poder curativo da natureza’. Também nesta época surgiu a palavra “terapia”, que deriva do grego *therapeuin* (“dar assistência”, “cuidar de”) (Capra, 1999, p. 305).

O pai da medicina ocidental, Hipócrates, utilizava na época, recursos para a cura e reabilitação de pessoas, que 2.500 anos depois, são usados pelos Fisioterapeutas e Terapeutas Naturais. As medicinas antigas tanto ocidentais como orientais, utilizavam técnicas que enxergavam o homem como um todo. As “forças curativas dos organismos vivos” de Hipócrates podem ser comparadas com a energia “Qi” da MTC. Ambas têm a mesma função: é uma energia inerente aos organismos vivos e que podem ser estimuladas para a cura do próprio organismo. Segundo Urban (2002, p. 5) “... quase não há diferença nos métodos terapêuticos propostos por hipocráticos e chineses. Ambas as medicinas propõem exercícios respiratórios, ginásticas, dietas e jejuns, massagens e sangrias como tratamento”.

A fusão entre a medicina e a ginástica dos estádios feita por Hipócrates foi separada por Platão (429 a.C. - 347 a.C.) e conflitos futuros entre escolas médicas tornaram as duas disciplinas cada vez mais distantes, uma se ocupando do homem sadio e outra do homem doente. Somente no séc. II d.C., que Galeno (130 - 199 d.C.) retomou a concepção de Hipócrates (Huard & Wong, 1990). Rebelatto & Botomé (1999) dizem em seu livro que “Galeno conseguiu por meio de uma ‘ginástica planificada’ do tronco e dos pulmões, corrigir o tórax de um rapaz até lograr condições normais”.

Por volta do ano de 162 d.C. Galeno vai para Roma e faz sucesso como médico ao cuidar do jovem Cômodo, herdeiro do trono imperial. Em Roma escreve sua obra: cerca de 400 livros, dos quais 98 são conhecidos. Galeno realiza várias descobertas, baseado em experimentos com macacos e outros animais, o que causou muitos conflitos nos futuros estudos da anatomia humana.

Outro agravante no legado deixado por Galeno é que, por ele ser extremamente autoritário e crente de suas únicas verdades, inventava coisas quando houvesse falhas no seu conhecimento.

Apesar da retomada de Galeno, a visão hipocrática, que era centrada no homem e voltada à observação da natureza e que guardava muitos pontos em comum com o pensamento chinês, não foi bem compreendida por ele e ficou perdida no tempo. Segundo Urban (2002, p. 6) “Galeno era monoteísta na aceção mais reducionista do termo, só aceitando um deus e uma verdade, o que facilitou bastante para que suas ideias ganhassem força, propagadas pelo cristianismo, que se alastrou pelo Império Romano desde o Edito de Milão, assinado por Constantino, em 393 d. C. A alopatia, desde então, nada mais é que o aprimoramento científico da medicina galênica, ao mesmo tempo um mero equívoco conceitual sobre aquilo que Hipócrates chamara ciência dos opostos”. Segundo este mesmo autor, foi com Galeno que ocorreu o distanciamento destas visões e provavelmente o nascimento do reducionismo, que direciona até hoje a Medicina Ocidental.

Para entender por que a medicina de Galeno imperou por 1400 anos sem contestação de outros médicos, é necessário entender a história de Roma, do Catolicismo e de seu fundador Constantino I, o Grande.

O Império Romano começa oficialmente em 27 a.C. com a ascensão de Otávio Augusto e vai até a queda de Roma em 476. O poder pessoal de Otávio Augusto repousava sobre o exército (Guarda Pretoriana), o apoio da plebe, o tesouro imperial e os títulos dados pelo Senado. Promoveu várias reformas: sociais, administrativas e culturais. A sociedade estava dividida pelo critério da riqueza (classe senatorial e equestre). Até meados do século III, o Império progride e atinge seu apogeu, quando então têm início as crises econômica, religiosa, militar e política. A crise econômica foi resultado da retração das conquistas, da crise do escravismo, do déficit orçamentário que conduz a ruralização da economia romana. O cristianismo em expansão penetra e destrói o conceito da divindade imperial, abalando o Império. Nero fez a primeira perseguição aos cristãos, e Dioclesiano, a última.

Em 286 d.C., Dioclesiano fundou a tetrarquia (governo de 4 imperadores) para comandar 44 províncias, sendo elas divididas em duas grandes regiões a do oeste ou Império Romano Ocidental que falava latim e a do leste ou Império Romano Oriental que falava grego.

Constâncio I era um dos imperadores escolhidos por Dioclesiano para da tetrarquia do reino ocidental, e logo que ele morreu, seu filho Constantino I, em 310 d.C., se autoproclamou um dos quatro imperadores de

Roma no lugar de seu pai. Mas Constantino não pretendia dividir seu reinado e planejou a eliminação dos outros três imperadores.

Próximo ao Natal de 312, Constantino I enfrentou Maxêncio, outro imperador do reino Ocidental e seu rival ao poder do trono de Roma, na ponte Milvio, que cruzava o rio Tibre. Durante a batalha quando seu exército estava sem esperança ele "viu" no céu o sinal das iniciais do Cristo em grego (X e P) e ouviu uma voz dizer: Meus Pace est cum Vos ...In Hoc Signo Vincens, "Minha paz está contigo... com este signo vencerás". E assim se sucedeu, Constantino venceu Maxêncio.

Em 313, em sinal de gratidão, o imperador publicou o Édito de Tolerância em Milão, concedendo liberdade religiosa aos cristãos, que até esta data eram perseguidos e massacrados e os **heréticos** passaram a ser perseguidos como inimigos do Estado e os templos pagãos foram pilhados e destruídos. Apesar disso, Constantino 1 continuou sendo adorador do Deus do Sol Apoio. Para Constantino a religião deveria ser usada para a política e a política deveria ser fortalecida pela religião, sendo elas inseparáveis.

O caráter violento de Constantino se mostrou de várias formas. Em 326, ordenou que estrangulassem o filho de sua primeira esposa Crispo, por adultério. Logo depois, sua mãe Helena descobriu que a morte do neto foi trama da 2ª esposa do imperador, Fausta, que planejava colocar seu filho de outro casamento como herdeiro. A matrona ordenou-lhe que a matasse também. Assim Constantino estrangulou sua própria esposa durante o banho.

Constantino invadiu Roma em 312 d.C. sob o símbolo do crucifixo, redefiniu a fé cristã a partir do Concílio de Niceia em 325 d.C., criando a Santa Trindade, e em 367 d.C. o Novo Testamento estava redigido.

O Cristianismo que surgiu de um "peregrino revolucionário", 300 anos depois, tinha uma Bíblia (o Novo Testamento), um Credo (a Fé Religiosa) e um Império (Roma).

Com Constantino apoiando as ideias de Galeno, estas se propagaram junto com o crescimento espantoso do cristianismo.

2.6 Período de Três Reinos na China (220 a 280 d.C.)

Na China, entre 260 a 265 d.C., o médico Huang Fu Mi escreveu o clássico "Classes Sistemáticas da Acupuntura e Moxabustão", relatando 349 pontos, (sendo atualmente 360 pontos dos "meridianos" principais - Yamamura, 1998), e é considerado o texto mais influente da história da medicina chinesa (Chéré, 2002).

Enquanto na China ocorre uma constante evolução em sua medicina, no ocidente, já na antiguidade, começa a fragmentação da visão holística. Um reducionismo que nos acompanha até hoje.

3. Idade Média (476 -1453 d.C.)

3.1 Fatos Históricos

- A queda do Império Romano, em 476 d.C., marca o fim da Antiguidade e o começo da Idade Média;
- Criado em 395 d.C. o Império Romano do Oriente (Império Bizantino), em 1054, rejeita a supremacia de Roma, levando as Cruzadas a partir de 1095 d.C. por cristãos europeus.
- A Idade Média vai durar até 1453, com o fim do Império Bizantino, pela tomada de Constantinopla (atual Istambul, Turquia) pelos turcos.

3.2 Idade Média na Europa

Em 1095 ocorre a I Cruzada, convocada pelo papa Urbano II, tem como objetivo tomar do controle muçulmano o Santo Sepulcro (Jerusalém) e Na IV Cruzada (1204) ocorre em Constantinopla o maior saque de relíquias da Idade Média.

3.2.1 Inquisição

Tribunal da Igreja Católica instituído no século XIII para perseguir, julgar e punir os acusados de heresia - doutrinas ou práticas contrárias às definidas pela Igreja. A Santa Inquisição é fundada pelo papa Gregório IX (1170?-1241) em sua bula (carta pontifícia) Excommunicamus, publicada em 1231. No século IV, quando o cristianismo se torna a religião oficial do Império Romano, os heréticos passam a ser perseguidos como inimigos do Estado.

Na Europa, entre os séculos XI e XV, o desenvolvimento cultural e as reflexões filosóficas e teológicas da época produzem conhecimentos que contradizem a concepção de mundo defendida até então pelo poder eclesiástico. Paralelamente surgem movimentos cristãos, como os cátaros, em Albi, e os valdenses, em Lyon, ambos na França, que pregam a volta do cristianismo às origens, defendendo a necessidade de a Igreja abandonar suas riquezas. Em resposta a essas heresias, milhares de albigenses são liquidados entre 1208 e 1229. Dois anos depois é criada a Inquisição.

A responsabilidade pelo cumprimento da doutrina religiosa passa dos bispos aos inquisidores - em geral franciscanos e dominicanos - sob o controle do papa. As punições variam desde a obrigação de fazer uma retratação pública ou uma peregrinação a um santuário até o confisco de bens e a prisão em cadeia. A pena mais severa é a prisão perpétua, convertida pelas autoridades civis em execução na fogueira ou forca em praça pública. Em geral, duas testemunhas constituem prova suficiente de culpa.

Em 1252, o papa Inocêncio IV aprova o uso da tortura como método para obter confissão de suspeitos. A condenação para os culpados é lida numa cerimônia pública no fim do processo, no chamado auto-de-fé. O poder arbitrário da Inquisição volta-se também contra suspeitos de bruxaria e todo e qualquer grupo hostil aos interesses do papado.

Nos séculos XIV e XV, os tribunais da Inquisição diminuem suas atividades e são recriados sob forma de uma Congregação da Inquisição, mais conhecida como Santo Ofício. Passam a combater os movimentos da Reforma Protestante e as "heresias" filosóficas e científicas saídas do Renascimento. Vítimas notórias da Inquisição nesse período são a heroína francesa Joana D'Arc (1412-1431), executada por se declarar mensageira de Deus e usar roupas masculinas, e o italiano Giordano Bruno (1548-1600), considerado pai da filosofia moderna, condenado por concepções intelectuais contrárias às aceitas pela Igreja. Processado pela Inquisição, o astrônomo italiano Galileu Galilei prefere negar publicamente a Teoria Heliocêntrica desenvolvida por Nicolau Copérnico e trocar a pena de morte pela de prisão perpétua. Após nova investigação iniciada em 1979, o papa João Paulo II reconhece, em 1992, o erro da Igreja no caso de Galileu.

No ocidente, durante a Idade Média os avanços nos estudos e a atuação na área da saúde foram interrompidos. Em todas as organizações da época e em todos os setores da sociedade, predominaram uma ordem estabelecida pelo "divino". Sendo o clero o topo desta organização hierárquica, representando o divino na terra, o corpo era apenas um invólucro da alma, e era a alma que deveria ser tratada. A saúde do corpo foi negligenciada ao segundo plano, sendo valorizada a atividade física apenas para aumentar a potência corporal e para diversão. O exercício físico para a cura foi deixado de lado (Rebelatto & Botomé, 1999).

São mais de 1000 anos de interrupção nos estudos do corpo e de suas doenças; foi a época de escuridão total no conhecimento do ocidente. Se o corpo não tinha mais importância, para que tratá-lo. As doenças eram uma forma de purificar a alma, vinham do divino e não precisavam ser entendidas, apenas aceitas, pois era o papel da igreja resolver todas as questões.

3.3 Idade Média na China

Durante a dinastia Sui (589 - 618 d.C.) foi fundada a primeira escola de medicina na China. A escola de Medicina Imperial foi organizada (624 d.C.) com departamentos de Medicina Herbática, Acupuntura e Massagem, sendo que este último possuía a maior equipe de professores. Nas técnicas de massagem incluía manipulações, deslizamentos nos canais de energia e pressões nos pontos de acupuntura (Kottke & Lehmann, 1994).

Na dinastia Tang (618 - 906 d.C.) o médico Zhen Quan fez uma revisão nos textos antigos de acupuntura. A dinastia Ming (1368 - 1644) foi a de maior crescimento para a Acupuntura, com um trabalho enciclopédico de 120 volumes sobre esta técnica da Medicina Tradicional Chinesa (MTC) (Cheré, 2002).

3.4 Idade Média na Pérsia

O Médico e filósofo árabe 'Abu 'Ali ai-Hussain - ibn 'Abd Allah - ibn al-Hassan - ibn 'Ali -ibn Sina, conhecido no ocidente como **Avicena** (980-1037), com 16 anos tinha estudado medicina e aos 18 curou o príncipe Nuh ibn Mansur de uma doença que seus médicos não conseguiram.

Autor de pelo menos 200 obras, a mais importante é o Livro de cura, enciclopédia composta de 18 volumes, abrangendo metafísica, matemática, psicologia, física, astronomia e lógica. Seu Cânon de Medicina, de 5 volumes, foi traduzido para o latim no final do século XII e foi estudado nas universidades europeias até o século XVII.

Ao tempo do obscurantismo medieval, manteve a lucidez filosófica.

4. Idade Moderna (1453 -1789)

4.1 Idade Moderna na Europa

4.1.1 André Vesálio (1514 -1564)

Maior anatomista da Renascença, belga nascido em Bruxelas, cujo nome de origem era Andries van Wesel, posteriormente romanizado para Andreas Vesalius, desenvolveu dissecações de corpos humanos e com a descrição de suas descobertas ajudou a corrigir noções equivocadas que prevaleciam desde a Antiguidade e estabeleceu os fundamentos da moderna ciência da anatomia, tornando-se, sem dúvida, o principal sábio histórico desta ciência e consagrado como o pai da anatomia científica moderna. Membro de uma família de médicos e filho de um farmacêutico estudou e formou-se em medicina em Louvain, transferiu-se para a Faculdade de Medicina da Universidade Paris, onde iniciou sua especialização (1533-1536) e aprendeu a dissecar animais e cadáveres humanos e estudou **medicina árabe**. Neste período roubou corpos no cemitério de Paris para estudar os cadáveres, pois a dissecação de cadáveres era proibida pela Inquisição na França.

Descontente com as limitações de Paris foi para a Universidade de Pádua (fundada desde 1222), a mais importante da Europa na época (1537), onde recebeu o grau de doutor com louvor. Foi nomeado chefe do departamento de anatomia e cirurgia, dissecando corpos por cinco anos. Isto foi possível porque na Itália as regras eram menos severas sendo que por volta de 1489 o Papa Sisto IV já tinha publicado que corpos de indigentes e presos podiam ser dados a anatomistas e artistas.

Passou a lecionar nas universidades de Bolonha e de Pádua, na Itália, onde demonstrou (1539) que as descrições anatômicas de Galeno, fisiologista grego que viveu em Roma, referiam-se a macacos e não a homens, pois naquela época a dissecação de cadáveres humanos era rigorosamente proibida por motivos religiosos. Sendo assim, quebrou 1400 anos de dogmas médicos, pois tudo o que se sabia vinha de um único homem Galeno. Vesálio não só discordou de Galeno como afirmou que ele disse coisas falsas.

Foi a público para desmascarar Galeno. Em 1543 divulga sua obra mais importante *De humanis corporis fabrica libri septem* (1543), em sete volumes, sobre a estrutura do corpo humano, considerado o mais bem acabado livro publicado na Renascença, dividido em sete volumes, com várias ilustrações de página inteira, feitas por Jan van Calcar, e mais de seiscentas páginas, na mais fina impressão da época. Era uma obra prima da ciência médica e simbolizou o encerramento do galenismo, dividindo a Anatomia em antes e depois de Vesálio. Após esta publicação foi escolhido como médico da família imperial de **Charles V**, Santo Imperador Romano, concedendo-lhe uma pensão vitalícia e o título de conde. Após a abdicação de Carlos, seu filho, **Filipe II**, nomeou-o um de seus médicos (1559). Após vários anos na corte imperial em Madri, foi condenado à morte, pela Inquisição, por ter dissecado um corpo humano. Sua pena foi comutada numa peregrinação a Terra Santa (Jerusalém). Na viagem de volta, adoeceu e morreu na ilha de Zante (ou Zacynassim), na então república de Veneza, na costa da Grécia.

4.1.2 Thomas Willis (1621-1675)

Quando jovem frequentou a universidade de Oxford para se dedicar à religião e acabou se interessando pela arte da cura. Seu desafio foi conciliar estes dois mundos. Invadiu a área da igreja, pois segundo a mesma o cérebro era o lar da alma e domínio do clero. Como um homem temente a Deus ele relutava em ir contra a visão da igreja, mas não podia ignorar o que estava vendo. Ele resolveu o impasse após muita reflexão: o ser humano possuía duas almas uma alma imortal e outra corporal

Foi um dos mais destacados médicos ingleses da época moderna, e um dos cientistas que buscava explicar a atividade do corpo humano, separando-o do espírito. Descobriu que muitos problemas psíquicos considerados problemas na alma, eram doenças e traumas físicos. Willis tentou aproximar a anatomia, fisiologia e química aos achados clínicos de patologia nervosa da época. Ele foi um membro da escola iatroquímica, que acreditava que a química era a base da função humana, ao invés da mecânica, como se acreditava na época.

Foi um dos pioneiros do estudo do sistema nervoso e o primeiro a identificar várias doenças. Foi professor de Filosofia Natural em Oxford de 1660 a 1675; e clinicou em Londres a partir de 1666 com grande sucesso. Em sua obra *Cerebri Anatome, cui accessit Nervorum descriptio et usus* ("Anatomia do Cérebro, com uma descrição dos nervos e de suas funções"), o mais completo e acurada descrição do sistema nervoso até então, ele faz a primeira descrição do padrão hexagonal das artérias na base do cérebro descobrindo-lhe a finalidade de proporcionar o máximo de suprimento sanguíneo ao cérebro. Descreveu o "círculo de Willis", um complexo vascular na base do cérebro e descreveu sua função. Usou pela primeira vez o termo "ação reflexa".

Foi o primeiro a descrever a miastenia grave (1671), uma fadiga muscular crônica marcada por paralisia progressiva, e a febre puerperal, assim denominada por ele. Reintroduziu na medicina o antigo uso dos gregos de diagnosticar o diabetes pela urina doce.

Tirou a epilepsia do mundo espiritual para os domínios da ciência, pois esta doença era tratada como possessão demoníaca. Suas descobertas eram empíricas, mas tinham raízes em Hipócrates em seu trabalho "Da Doença Sagrada" que fala que a epilepsia não é doença dos deuses ou tem poder profético, mas é uma doença natural do cérebro. Esta visão ficou perdida por 2000 anos levando muitas pessoas a serem tratadas de forma bárbara ou torturadas e mortas pela inquisição.

4.1.3 Renascimento

No final do Renascimento (séc XV e XVI), a "ginástica médica" inspirada em Hipócrates, renasceu na obra de Hieronimo Mercuriali (1569), que apresenta princípios definidos para esta atividade: exercícios para conservar um estado saudável já existente, regularidade no exercício, exercícios para indivíduos enfermos, cujo estado pode exacerbar-se, exercícios individuais especiais para convalescentes, e exercícios para pessoas com ocupações sedentárias (Wheller apud Rebelatto & Botomé, 1999).

Em 1545, o barbeiro-cirurgião Ambroise Paré lança as bases da cirurgia moderna (Cinco Livros de Cirurgia), aperfeiçoa a técnica de amputação e desenvolve o uso de ligaduras para estancar hemorragias. Ele recomendava exercícios físicos e tinha grande interesse terapêutico às massagens.

Charles Drelinco (1595-1669), Hermenn Boerhaave (1668-1738) e Théodore Tronchin (1709-1781) também aplicavam a terapêutica natural e tratavam numerosas doenças com hidroterapia, pelas fricções, marcha e diversos movimentos. A nova "ginástica médica" foi obra de Fancis Fuller, na Inglaterra (1704), de Nicolas Andry (1658-1742) na França e de Simon André Tissot (1728-1797) na Suíça, sendo que o primeiro sustentava que em medicina, a ginástica bem compreendida podia ter um papel importante tanto na prevenção como na correção de "doenças mentais" (as doenças do sistema nervoso eram classificadas junto com as doenças mentais nesta época), e outras diversas. Nicolas Andry (1741) criou um neologismo para designar uma disciplina tanto médica quanto cirúrgica ainda quase inexistente, a "ginástica corretiva" ou ortopedia. Mas nesta época, eram os algebristas que tratavam as fraturas e luxações com a cinesioterapia. É também importante mencionar que o médico francês Jean Verdier (1735-1820) criou um estabelecimento de dupla destinação: educação física para crianças normais; e junto com o célebre médico de hérnias Typhaine, durante 19 anos, ele cuidou de numerosas crianças corcundas e disformes. Verdier foi o único prático de seu tempo que dominou simultaneamente a ginástica médica, a ortopedia e a ginástica educativa. Ao contrário dos contemporâneos de sua época, **ele acreditava no progresso ilimitado da espécie humana**, pois, segundo ele, tudo pode ser modificado com o tempo (Huard & Wong, 1990).

4.1.4 Antoine Lavoisier (1743-1794)

Químico francês, fundador da química moderna. Nasce em Paris e estuda matemática, astronomia, química, física, botânica e geologia. Aos 23 anos é premiado pela Academia de Ciências da França por seu Relatório sobre o Melhor Sistema de Iluminação de Paris. Em 1768 ingressa na Academia como coletor de impostos e inspetor geral das pólvoras e salitres. Entre 1785 e 1787 participa da comissão de agricultura governamental. Apresenta no Tratado Elementar de Química (1789) os fundamentos da nova nomenclatura, criada com o químico Berthollet a partir do conceito de elemento químico. É famosa sua lei da conservação das massas, a chamada Lei de Lavoisier, que costuma ser enunciada de forma simplificada: na natureza nada se perde, nada se cria; tudo se transforma. Com a Revolução Francesa (1789), elege-se deputado suplente dos Estados Gerais. Em 1790 participa da comissão de estudos sobre o novo sistema de medidas e, no ano seguinte, torna-se secretário do Tesouro francês. É preso em 1793, no chamado Período do Terror, em que a Convenção persegue os coletores de impostos e fecha as academias de ciências, consideradas reacionárias. Condenado, morre guilhotinado no ano seguinte, em Paris.

4.2 Idade Moderna na China

Na dinastia Qing (1644 - 1840), a medicina herborista se tornou principal entre os médicos e a acupuntura ficou de lado (Cheré, 2002).

No séc XVII, através de missões no oriente, padres jesuítas tiveram o primeiro contato com a acupuntura. Em 1821 o médico inglês John Churchill publicou uma série de resultados usando a acupuntura para o reumatismo (Cheré, 2002).

5. Idade Contemporânea (1789 até os dias atuais)

Entre os séculos XVIII e XIX, iniciado na Inglaterra, houve as duas revoluções industriais: a primeira do vapor e do carvão (1760-1860) e a segunda da eletricidade e do motor à explosão (a partir de 1884).

Duplicado o poder de produção do ocidente, torna-se esta parte do mundo o centro do capitalismo e do desenvolvimento tecnológico. Depois de ter mecanizado a Natureza, o homem mecaniza a si mesmo. Este processo começou com o francês René Descartes (1596-1650), que põe em dúvida tanto o mundo das coisas sensíveis como das coisas inteligíveis, reduzindo o Universo a coisas e mecanismos mensuráveis (Huard & Wong, 1990).

5.1 René Descartes (1596-1650)

René Descartes, nascido em 1596 em La Haye, um povoado da Touraine, numa família nobre terá o título de senhor de Perron, pequeno domínio do Poitou, daí o aposto "fidalgo poitevino".

De 1604 a 1614, estuda no colégio jesuíta de La Fèche. Aí gozará de um regime de privilégio, pois levanta-se quando quer, o que o leva a adquirir um hábito que o acompanhará por toda sua vida: meditar no próprio leito. Apesar de apreciado por seus professores, ele se declara, no "Discurso sobre o Método", decepcionado com o ensino que lhe foi ministrado: a filosofia escolástica não conduz a nenhuma verdade indiscutível, "Não encontramos aí nenhuma coisa sobre a qual não se dispute". Só as matemáticas demonstram o que afirmam: "As matemáticas agradavam-me, sobretudo por causa da certeza e da evidência de seus raciocínios". Mas as matemáticas são uma exceção, uma vez que ainda não se tentou aplicar seu rigoroso método a outros domínios. Eis por que o jovem Descartes, decepcionado com a escola, parte à procura de novas fontes de conhecimento, a saber, longe dos livros e dos regentes de colégio, a experiência da vida e a reflexão pessoal: "Assim que a idade me permitiu sair da sujeição a meus preceptores, abandonei inteiramente o estudo das letras, e resolvendo não procurar outra ciência que aquela que poderia ser encontrada em mim mesmo ou no grande livro do mundo, empreguei o resto de minha juventude em viajar, em ver cortes e exércitos, conviver com pessoas de diversos temperamentos e condições".

Em 1637, ele se decide a publicar três pequenos resumos de sua obra científica: A Dióptrica, Os Meteoros e A Geometria. Esses resumos, que quase não são lidos atualmente, são acompanhados por um prefácio e esse prefácio foi que se tornou famoso: é o **Discurso sobre o Método**. Ele faz ver que o seu método, inspirado nas matemáticas, é capaz de provar rigorosamente a existência de Deus e o primado da alma sobre o corpo. Desse modo, ele quer preparar os espíritos para, um dia, aceitarem todas as consequências do método inclusive o movimento da Terra em torno do Sol. Isto não quer dizer que a metafísica seja, para Descartes, um simples acessório. Muito pelo contrário. Em 1641, aparecem as Meditações Metafísicas, sua obra-prima, acompanhadas de respostas às objeções. Em 1644, ele publica uma espécie de manual cartesiano.

Os Princípios de Filosofia, dedicado à princesa palatina Elisabeth, de quem ele é, em certo sentido, o diretor de consciência e com quem troca importante correspondência. Em 1644, por ocasião da rápida viagem a Paris, Descartes encontra o embaixador da França junto à corte sueca, Chanut, que o põe em contato com a rainha Cristina.

Esta última chama Descartes para junto de si. Após muitas evasões, o filósofo, não antes de encarregar seu editor de imprimir, para antes do outono, seu Tratado das Paixões embarca para Amsterdã e chega a Estocolmo em outubro de 1649. É ao surgir da aurora (5 da manhã) que ele dá lições de filosofia cartesiana à sua real discípula. Descartes, que sofre, atrozmente, com o frio, logo se arrepende, ele que "nasceu nos jardins da Touraine", de ter vindo "viver no país dos ursos, entre rochedos e geleiras". Mas é demasiado tarde. Contrai uma pneumonia e se recusa a ingerir as drogas dos charlatões e a sofrer sangrias sistemáticas ("Poupei o sangue francês, senhores"), morrendo a 9 de fevereiro de 1650. Seu ataúde, alguns anos mais tarde, será transportado para a França. Luís XIV proibirá os funerais solenes e o elogio público do defunto:

desde 1662 a Igreja Católica Romana, à qual ele parece ter-se submetido sempre e com humildade, colocará todas as suas obras no índice (catálogo dos livros cuja leitura era proibida pela Igreja).

É importante citar que, apesar de Descartes ter introduzido a separação da mente e do corpo, para um entendimento racional através da dúvida e da evidência, ele considerava a interação entre ambos um aspecto essencial da natureza humana e das suas implicações na medicina. Em suas correspondências com sua discípula, a princesa Elizabeth da Boêmia, ele deixa claro esta visão: "... quando Elizabeth não estava bem de saúde e descrevia seus sintomas físicos a Descartes, este não hesitava em diagnosticar que seu mal era devido, predominantemente, à tensão emocional..." (Capra, 1999, p.119) ou, como diríamos hoje, ao estresse emocional. Descartes mostrou-se menos "cartesiano" do que a maioria dos médicos atuais. Para não sermos injustos com este grande filósofo e cientista, é necessário esclarecer que: o que sabemos de Descartes hoje, é o que foi deixado por rentes menos preparadas e que não entenderam a complexidade do pensamento analítico proposto por ele.

5.2 A supressão da natureza no homem moderno

Com a revolução industrial, a atenção do Ocidente ficou voltada para os avanços tecnológicos, e novamente a saúde perdeu o foco humanista que estava tentando ressurgir. Com a necessidade crescente das indústrias, a saúde passou a ser direcionada principalmente para o que podia resultar em uma manutenção do desempenho do "homem máquina".

Devido à industrialização, ocorre o abuso nos limites físicos dos operários, fazendo surgir de forma alarmante, patologias até então desconhecidas. O homem passou a ser valorizado pela força de seu trabalho e pelo quanto podia produzir. Trabalhadores adultos e crianças chegavam até a 16 horas de trabalho. A cultura do materialismo deste período levou o homem a se afastar totalmente da natureza e o investimento na saúde teve como único objetivo manter o homem dentro da indústria, pois o trabalhador doente causava muitos prejuízos. Com a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) a cinesioterapia é reformulada para atender as demandas das vítimas da guerra (Huard & Wong, 1990; Rebelatto & Botomé, 1999).

Este predomínio tecnológico ocidental também influenciou o oriente. Em 1911, a medicina ocidental se apresentava na China, principalmente nas classes mais altas da sociedade, deixando a acupuntura e a medicina herborista para os médicos populares, os "pés descalços". O período de descaso para com a MTC foi curto. Felizmente esta "má" influência do ocidente, que reduzia o homem em partes fragmentadas, durou pouco na China. Durante esta fase (1930) George Souliè de Mourant, cônsul francês da China, iniciou o estudo sistemático da acupuntura, e traduziu para o francês, parte do Nei-Jing Su-Wen. Em 1950, Mao Tse-tung, uniu oficialmente a Medicina Tradicional Chinesa com a Medicina Ocidental, e a acupuntura foi adotada em vários hospitais. E finalmente, em 1972, o presidente americano Richard Nixon visitou pela primeira vez a China e estimulou a acupuntura no Ocidente (Chéré, 2002).

5.3 Ignaz Philipp Semmelweis (1818-1865)

Em 1846, obstetra austríaco do Lying Hospital de Viena, instituiu a lavagem de mãos, após observar a alta mortalidade das parturientes, pois os estudantes de medicina e médicos saíam da sala de necrópsia e se dirigiam para a sala de parto sem lavar as mãos

Ele disse que todos eram assassinos, foi renegado e ridicularizado pelos colegas, entrou em depressão profunda e voltou à Hungria.

Enlouqueceu e morreu confinado em uma instituição psiquiátrica

Só teve reconhecimento após 30 anos de sua morte

Quando Ignaz Philipp Semmelweis (1818-1865) nasceu em Ofen, seu país, a Hungria fazia parte do Império Austríaco, posteriormente ele foi para Viena, sua capital, para completar os estudos em advocacia, como era desejo familiar. Entretanto, resolveu estudar medicina ao tomar contato com os trabalhos de anatomia patológica realizados por Karl von Rokitansky (1808-1878), procurando identificar a causa de morte de seus pacientes, no estudo do corpo enfermo e dos órgãos doentes. Após sua graduação em medicina ocorrida em 1844, sem conseguir vaga na clínica do professor Joseph Skoda (1805-1881), que vinha se notabilizando pelas suas pesquisas em propedêutica, acabou em 1846, como assistente na Primeira Clínica Obstétrica do Allgemeine Krankenhaus, no lugar de um colega que havia se afastado temporariamente. A perversa fama desta unidade era que a mortalidade das pacientes superava entre três a dez vezes a da segunda divisão, onde as parturientes eram atendidas por parteiras. A diferença de percentagem parecia ser inexplicável, pois caso contrário, os miasmas deveriam ser muito caprichosos, pois as clínicas eram contíguas.

Conforme afirmou Semmelweis na introdução de seu livro: "o dever mais alto da medicina é salvar vidas humanas ameaçadas e a obstetrícia é o ramo da medicina no qual este dever se cumpre de modo mais evidente... Num parto com apresentação pélvica, provavelmente a mãe e o filho faleceriam se deixados à natureza, entretanto a ajuda oportuna do obstetra pode salvar ambos, quase sem dor, em poucos minutos... Lamentavelmente, o número de casos nos quais o obstetra alcança tais benefícios é insignificante se comparado ao número de vítimas da febre puerperal... Não somente a terapia era ineficaz como também a etiologia parecia incompleta e aparentemente não continha o verdadeiro fator causal da enfermidade". Em seu trabalho ele realizou, antes mesmo que Snow com a cólera em Londres, um estudo epidemiológico modelo na tentativa de se elucidar os elos da cadeia epidemiológica e propor medidas efetivas de controle, contendo todas as etapas clássicas destas investigações: a definição precisa de caso; a contagem, distribuição e a consolidação de casos e de fatores predisponentes; a confirmação do surto e a definição do seu período; a formulação de hipóteses e sua comprovação; as medidas de controle e a verificação de sua eficácia, com reorientações quando necessário.

Por sua origem húngara e ideias questionadoras procurando entender e controlar "fenômenos inevitáveis", Semmelweis enfrentou, desde sua contratação, a desconfiança do diretor de sua disciplina, Johann Klein, que era um nacionalista fervoroso e de postura essencialmente conservadora. Por mais que se esforçasse Semmelweis não encontrava na ciência oficial respostas para as diferenças observadas entre as duas unidades. Sob a orientação do professor Kolletschka da Medicina Legal, em conjunto com seus alunos, autopsiava detalhadamente todas as pacientes, encontrando supurações e inflamações generalizadas, um quadro semelhante ao das febres purulentas e das infecções traumáticas, que se seguiam amiúde às manipulações hospitalares. Estimulava também um detalhado exame clínico de todas as pacientes, mas além de nada descobrir, apenas observava um aumento da mortalidade, chegando sua unidade a ter em 1846 uma mortalidade de 11,4% contra 2,7% na outra clínica. Ele notou que as parturientes adoeciam dentro das primeiras 36 horas do parto e sua doença rapidamente evoluía para o óbito.

Na definição de caso ele priorizou os aspectos anátomo-patológicos das parturientes e observou que os achados dos recém-nascidos, independente de seu sexo, eram idênticos aos das pacientes, com exceção das lesões genitais, logo deveriam ser consequência da mesma enfermidade. Com isto, reformulou o conceito de febre puerperal vigente, que deveria estar equivocado, pois afirmava que ela era uma enfermidade característica e limitada aos pacientes da maternidade, em cuja origem era necessário o estado puerperal e um momento causal específico. Assim, ele estudou tanto as mortes maternas como as dos recém-nascidos, considerando suas observações na necropsia, a base para a definição de caso. Posteriormente, devido a semelhança dos achados, também foi incluído o caso de um colega ferido acidentalmente durante uma necropsia. Este episódio foi fundamental na elucidação do problema.

Embora tenha enfrentado grandes dificuldades para obter as informações, devido a um sistemático trabalho de **sabotagem**, ele procurou realizar um amplo estudo temporal sobre a mortalidade das puérperas desde a fundação da maternidade em 1784. Até 1822, antes da introdução dos estudos anátomo-patológicos, a mortalidade média foi 1,2% e de 1823 até 1846 este valor aumentou para 5,3%. A partir de 1840, por decreto imperial a maternidade foi dividida em duas unidades, a primeira para o ensino de médicos e a segunda para o de parteiras. Muitas pacientes graves da primeira unidade foram transferidas para as enfermarias gerais e seus óbitos não foram computados nesta estatística, mas mesmo assim a mortalidade da primeira unidade sempre superou a da segunda a partir desta data, o que não ocorreu pelo menos em 1839. Infelizmente, os dados individualizados por unidades, anteriores a este período, lhe foram negados. Ele observou na primeira clínica, serem as complicações mais frequentes em pacientes com trabalho de parto prolongado e naquelas cujos filhos também infectavam.

Por sua vez, as pacientes com parto prematuro ou domiciliar apresentavam uma menor mortalidade. Outra observação interessante é que na primeira clínica os casos apareciam em grupos de pacientes, muitas vezes em leitos contíguos, ao passo que na segunda unidade, sua distribuição era aleatória. Além disso, também os recém-nascidos morriam com mais frequência na primeira unidade.

Semmelweis passou a comparar minuciosamente as duas unidades. As pacientes eram distribuídas entre as clínicas de acordo com a data de admissão, assim logo afastou as "influências cósmico-telúricas" da teoria miasmática, pois não havia como sustentar que estes fatores caprichosamente só agissem nos dias que as parturientes eram internadas na primeira unidade. As pacientes proviam das mesmas camadas sociais, as condições ambientais eram as mesmas ou até piores na segunda clínica onde havia maior aglomeração, pois elas se escondiam caso seu trabalho de parto iniciasse num dia de internação na primeira clínica. Procurando uniformizar as condutas divergentes, Semmelweis determinou que as pacientes de parto se deitassem de lado e que os toques fossem feitos com mais delicadeza e até proibiu que um padre tocasse a

sineta a cada extrema-unção realizada, pois reduziria o medo, relacionado em todos compêndios como um fator importante para a febre puerperal. Mesmo contra sua vontade, janelas foram fechadas para impedir a entrada de miasmas, mas nada adiantava.

Para a formulação de hipóteses sobre a cadeia epidemiológica, Semmelweis fez um levantamento bibliográfico sobre o tema e avaliou criticamente as teorias e propostas anteriores, buscando um maior entendimento do problema. Com vimos anteriormente, na sua época a teoria preponderante para explicar as doenças epidêmicas relacionavam-nas às condições atmosférico-telúricas, portanto aos fatores externos. Por sua vez, as doenças endêmicas eram atribuídas a fatores cuja atuação se limitava a uma localização específica. Ele mesmo concluiu que estes conceitos eram confusos e, contrariando o bom senso, independiam do número de casos observados. Ao se considerar uma doença epidêmica, as possibilidades de controle ficavam bastante limitadas, pois como alterar as condições atmosféricas de Viena? Portanto, esta teoria havia limitado o descobrimento da verdadeira causa e o controle da febre puerperal. Ele acreditava que o maior número de casos na primeira clínica se devia a uma causa endêmica ainda desconhecida, presente apenas nesta unidade e que uma vez identificada, poderia ser controlada. Ele logo descartou outras hipóteses correntes sobre a gênese da febre puerperal, pois não poderiam justificar a diferença observada entre as unidades, uma vez que deveriam ser igualmente nocivas em ambas as clínicas. Algumas destas teorias eram: alterações hematológicas da grávida; pletora de sangue ou líquidos; coagulação espontânea; diminuição de peso devido à eliminação do feto; ferimentos no trato genital ocasionados pelo parto e até a involução uterina imperfeita.

Várias comissões foram criadas para tentar resolver o problema, mas partindo de premissas científicas equivocadas o seu insucesso seria facilmente previsível, como comentava Semmelweis. Foi aventado que o medo da morte ao observar casos ao lado, ou então a agressão ao pudor feminino decorrente da paciente ser examinada por um homem desencadearia este quadro predominantemente na primeira unidade, mas como explicar a maior incidência também nos recém-nascidos, que seguramente não teriam esta percepção ou pudor? No final de 1846, enquanto ele investigava o problema, um novo grupo foi formado sem a sua inclusão. Esta equipe concluiu que a causa da morte era uma lesão decorrente do toque vaginal realizado pelos estudantes, em particular estrangeiros e como medida de controle foi proposta a redução do número de estagiários, aceitando somente os austríacos. A mortalidade apresentou uma queda acentuada nos meses seguintes e problema parecia estar resolvido. Neste mesmo período Semmelweis estava afastado de suas atribuições didáticas e praticamente não examinava as parturientes. Mas como um desafio a acompanhar sua trajetória, quando Semmelweis reassumiu suas atividades, a mortalidade voltou a subir assustadoramente de maneira inesperada, provando que também essa hipótese era infundada.

Atendendo a uma recomendação de Kolletschka, a 2 de março Semmelweis partiu para um descanso em Veneza, mas ao voltar foi surpreendido pela notícia da morte deste seu amigo, que durante uma autópsia, foi ferido no braço pelo bisturi de um estudante. A descrição das lesões encontradas no laudo do exame do colega era semelhante à das parturientes, então Semmelweis concluiu: "se os dados das autópsias eram idênticos, não seriam as causas também comuns? Kolletschka morrera duma lesão na qual o bisturi introduzira partículas de decomposição de matéria cadavérica. Os médicos e seus discípulos não poderiam com suas mãos trazer as mesmas partículas ao regaço das pacientes, rasgado pelo parto?"

Estariam explicadas as diferenças de cota de mortalidade. Na segunda unidade só trabalhavam as parteiras, que antes de examinar as pacientes não dissecavam os cadáveres. Além do mais, as gestantes de parto prolongado sujeitavam-se a mais exames, logo o colo do útero delas era mais sensível à virulência da putrefação, enquanto as pacientes de partos prematuros ou domiciliares, quase não sofriam o toque vaginal, portanto ficavam protegidas do contágio com as partículas cadavéricas.

A distribuição sequencial de casos podia ser explicada pela própria ordem de realização dos exames nas pacientes, levando o veneno a todos os casos avaliados. A maior mortalidade dos recém-nascidos poderia ser explicada por sua contaminação ainda intra-útero pelo sangue materno contendo partículas cadavéricas inoculadas durante os exames ginecológicos. A análise histórica da taxa mortalidade também confirmava esta hipótese, pois se observou concomitância de sua elevação com o início das autópsias e mesmo o aumento ocorrido em 1847 poderia ser explicado pelo próprio empenho de Semmelweis ao realizar autópsia e examinar pacientes, a partir de sua volta das férias. A redução da mortalidade conseguida durante o período de afastamento dos estudantes estrangeiros, foi justificada pelo fato deles normalmente frequentarem vários serviços durante seu estágio e conseqüentemente assistirem mais autópsias, ou pela própria coincidência com o afastamento de Semmelweis. Compreendendo sua involuntária contribuição com o aumento da mortalidade, ele afirmou angustiado: "Só Deus sabe a conta das que, por minha causa, desceram prematuramente à sepultura!".

Provando mais uma vez que Semmelweis estava definitivamente adiante de seu tempo em um trabalho pioneiro, sua investigação pretendia chegar a dados individualizados, para comprovar sua hipótese. Acreditando que: "a variação da mortalidade pode correlacionar-se com as atividades das pessoas", com o apoio dos professores da facção minoritária renovadora da universidade, como Skoda, Hebra e Rokitansky, ele tentou elaborar um quadro que permitisse verificar a mortalidade de pacientes por obstetra ou estudante, correlacionando com sua participação prévia em autópsias. Porém, como escreveu Semmelweis: "autoridades superiores impediram que se levasse a cabo esta missão, porque naquele momento interpretaram-na como uma base para denúncias pessoais".

Uma vez formulada uma hipótese, partiu Semmelweis, para a elaboração de medidas de controle e a monitorização posterior da sua eficácia. Suas propostas centraram-se em três frentes: isolamento dos casos; lavagem das mãos; ferver instrumental e utensílios. Assim sendo, mesmo sem consultar o professor Klein, ele afixou na porta da unidade o seguinte cartaz: "A partir de hoje, 15 de maio de 1847, todo estudante ou médico, é obrigado, antes de entrar nas salas da clínica obstétrica, a lavar as mãos, com uma solução de ácido clórico, na bacia colocada na entrada. Esta disposição vigorará para todos, sem exceção". Assim sabão, escovas e ácido clórico tiveram entrada em sua unidade. A mortalidade, que chegou aos 18,27% em abril, caiu a partir de junho para uma média 3,04%. Em setembro daquele ano um novo aumento foi notado, que desta vez ele relacionou a uma paciente internada com carcinoma de colo de útero, associado a intensa descarga purulenta. Ele observou que sua equipe, mesmo após lavar as mãos ao entrar na unidade, examinava esta paciente e as demais sem repetir este procedimento, logo "nem só os mortos transmitiam aos vivos as partículas infectantes. Também as podiam propagar os vivos enfermos, portadores de processos pútridos ou purulentos, comunicando-os aos indivíduos sãos". Em novembro de 1847 uma paciente com quadro supurativo em membro inferior desencadeou um novo aumento da mortalidade, que Semmelweis atribuiu à saturação aérea pelos humores oriundos das secreções. Com isto, para o atendimento de parturientes portadoras de processos secretantes ele determinou a mais rigorosa desinfecção das mãos após cada exame e removeu-as para salas de isolamento. No ano de 1848 a mortalidade na Segunda clínica (1,33%) foi maior que a da primeira (1,27%).

A partir da comprovação desses dados Semmelweis concluiu: "Eu assumi que a causa da maior taxa de mortalidade da primeira clínica eram as partículas cadavéricas aderidas às mãos dos obstetras quando efetuavam os exames. Eliminei esta causa mediante lavagem com cloro e conseqüentemente a mortalidade na primeira clínica baixou para índices inferiores aos da segunda clínica.... A febre puerperal não é causada somente por partículas cadavéricas, mas também por secreções de organismos vivos, assim é necessário limpar as mãos com água clorada, não somente após manipular cadáveres, mas também depois de exames nos quais as mãos podem contaminar-se com secreções.... As partículas de secreções que saturam o ar podem também penetrar no útero já lacerado durante o trabalho de parto, portanto as pacientes com estas lesões devem ser isoladas"

Entusiasmado com os resultados obtidos, Semmelweis comunicou-os a Skoda e Ferdinand von Hebra (1816-1880), este último fundador da escola dermatológica de Viena, que logo divulgou o trabalho na revista da Associação Médica de Viena, cujo médico primaz afirmou: "a significação desta descoberta, mormente para os estabelecimentos hospitalares e, em particular, para as salas cirúrgicas, é tão incomensurável, que a torna digna da máxima menos de um por cento. Durante um novo surto encontrou nos leitos preparados para novas admissões, resíduos de secreções purulentas na roupa de cama. Levando com indignação a roupa suja ao gabinete do diretor convenceu a administração do hospital a respeito da higienização da rouparia. Em 1855 foi nomeado professor de obstetrícia em Budapest, numa universidade sem prestígio no mundo científico de então. Ali convenceu o catedrático de cirurgia a proteger a incisão cirúrgica do contato com mãos e instrumental que não tivessem sofrido uma limpeza rigorosa.

Os bons resultados novamente alcançados o estimularam a finalmente publicar em novembro de 1861, quatorze anos após suas principais conclusões, os seus trabalhos sob o título de "Etiologia, Conceito e Profilaxia da Febre Puerperal".

Em seu tardio livro composto de 543 páginas apresentava numa primeira parte os dados obtidos e suas conclusões a respeito da febre puerperal, e numa segunda parte continha toda a correspondência que ele encaminhou aos médicos, com seus esforços para refutar as opiniões contrárias. Fruto de sua luta, chega até a adquirir um certo caráter messiânico ao afirmar na introdução de sua segunda parte: "Minha doutrina não foi estabelecida para que o livro que a expõe se encha de pó em uma biblioteca; minha doutrina tem uma missão, que é trazer benefício à vida social prática. Minha doutrina foi produzida para ser disseminada entre os professores de obstetrícia até que todos os que praticam medicina, até o último médico e a última parteira do povo atuem de acordo com seus princípios; minha doutrina foi produzida para eliminar o terror das clínicas de maternidade, para conservar a esposa ao marido e a mãe ao filho".

Novamente os deuses da medicina reagiram negativamente aos seus achados. Virchow, o fundador da patologia celular, condenou esse trabalho por não compatibilizar com sua teoria de que todas as patologias se originavam nas células do corpo humano, enfatizando as alterações histológicas e não a presença de eventuais "partículas" estranhas. Semmelweis, ao invés de completar seus estudos tentando identificar qual era a "partícula cadavérica" transmitida, polemizou com todos seus principais opositores. Afirmava em suas respostas: "A sua doutrina assenta nos cadáveres das puérperas assassinadas pela ignorância. Se Vossa Senhoria persistir em amestrar os seus discípulos na doutrina da febre puerperal epidêmica, eu - diante de Deus e do mundo - o declararei assassino". "Tomei a resolução irrevogável de impedir até onde me seja possível este trabalho de assassinos". "Se me coubesse optar exclusivamente entre permitir que continuem a morrer de febre puerperal atenção de todos os homens de ciência". Estes colegas estimulavam-no a publicar seus achados, mas ele não atendeu de pronto estas solicitações, no máximo fez várias exposições verbais de seus achados perante a sociedade médica local. Embora tenha se saído relativamente bem em suas preleções, os resultados alcançados no meio médico foram decepcionantes e até mesmo trágicos. Gustav Adolph Michaelis, professor de obstetrícia em Kiel na Alemanha, que até havia solicitado os trabalhos de Holmes para tentar entender e controlar um surto semelhante, acabou se atirando sob um trem em movimento ao sentir-se culpado pelas mortes de suas pacientes, lendo as conclusões divulgadas por Hebra.

Entretanto, pode-se afirmar que a grande maioria dos médicos foi cúmplice da má sorte que o acompanhou, por um apego irracional às teses tradicionais, inibindo-a de se curvar às verdades mais simples, como aquelas defendidas por Semmelweis. Suas medidas de controle, cada vez mais severas provocaram uma onda de resistência de seus alunos e das enfermeiras. A despeito de seus resultados favoráveis, sua adesão à causa nacionalista húngara, contra o domínio imperial austríaco, na rebelião de 1848 valeram a não renovação de seu contrato, com sua demissão em 20 de março de 1849, o enfraquecimento político da ala progressista que o apoiava na universidade, o banimento de sua teoria sobre a febre puerperal e até foi-lhe negado acesso às fichas dos pacientes para poder completar sua investigação estatística. Mesmo quando por insistência de Skoda foi recontratado como professor, mas lhe era vedado ensinar em pacientes, tendo que utilizar uma boneca em suas aulas. O novo assistente que assumiu em seu lugar, Carl Braun (1822-1891), revogou todas as medidas impostas por Semmelweis e nem mesmo a maior mortalidade favoreceu a um retorno às ideias deste precursor. Amargurado, derrotado em seus princípios, ele abandonou Viena em 1850, sem se despedir dos amigos, voltando para sua terra natal.

Após a derrota da Revolução Húngara em 1848, o ambiente em Budapest era de desânimo e opressão. Os professores mais ilustres haviam sido afastados de seus cargos e até a publicação da revista médica da Hungria fora suspensa. Semmelweis já estava esquecido em Viena, principalmente por Skoda e Rokitsky, mas, um surto de febre puerperal, no Hospital São Roque de Budapest, reacendeu sua antiga paixão e surpreendentemente foi indicado como diretor honorário da instituição, em 20 de maio de 1851, onde mesmo sem receber salários, retomou sua luta, reduzindo a mortalidade para numerosas puérperas, que poderiam ser salvas, e salvá-las, mediante a demissão de todos os professores de obstetrícia que não querem ou já não podem adotar a minha teoria, eu optaria pela demissão dos professores, pois estou convencido de que se trata de evitar a mortandade de milhares e milhares de mães e lactentes e diante disto, algumas dezenas de professores carecem de importância".

A defesa de seus pontos de vista não teve os resultados esperados e os arautos da medicina passaram a criticá-lo pelo seu descomedimento e até duvidaram de sua sanidade mental. Em 1864 teve que abandonar uma aula devido a uma crise de choro convulso. Ficava angustiado e inquieto, andando de um lado para outro, numa ansiedade sem fim. Sua sanidade ia se perdendo, começou a acreditar que era vítima de um complô e que queriam matar sua família. Ao ver um casal de namorados em plena rua exortava-os a exigirem de seus médicos a desinfecção das mãos, reagindo furiosamente à menor contradição.

Atendendo ao apelo de sua mulher, Hebra internou-o em um manicômio onde no dia 14 de agosto de 1865 faleceu de septicemia vítima de um ferimento no dedo durante uma de suas últimas autópsias realizadas. Ironicamente, além de morrer da doença que lutou para vencer, nesta mesma época em Londres seus princípios estavam sendo empregados por um homem que adquiriu fama e fortuna, contribuindo para vencer o flagelo da infecção.

5.4 Wilhelm K Rontgen

Em 8 de Novembro de 1895, o professor de física Wilhelm Conrad Roentgen (aos 50 anos) estudava, em seu laboratório escuro, o comportamento de descargas elétricas através de um tubo com gases de baixa pressão e encapado por papel preto para não entrar luz, quando notou a fluorescência produzida em uma

placa recoberta por platino cianeto de bário que se encontrava a uma certa distância do tubo. Como a natureza da radiação que provocou o fenômeno não era conhecida, ele a chamou de Raios X. Roentgen continuou seus experimentos estudando a capacidade dos raios x penetrarem vários sólidos e em 22 de Dezembro de 1895 expôs a mão de sua esposa ao raio recém descoberto obtendo assim a imagem tradicionalmente conhecida como sendo a primeira radiografia.

A descoberta dos raios-X por Wilhelm Roentgen, em 1895, causou um impacto não somente nos meios científicos, mas também entre os leigos. Sabia-se que algo de extraordinário fora descoberto e previa-se uma nova era para a medicina.

O que mais impressionava as pessoas era o poder de penetração dos raios-X e a possibilidade de visualização do interior do corpo humano através das vestes e do tegumento cutâneo.

A imagem obtida com os raios catódicos foi, de início, considerada como um tipo especial de fotografia. A imprensa de vários países noticiou a descoberta com grande destaque e houve diversas manifestações, partidas dos mais diferentes setores da sociedade.

A maioria de tais manifestações, veiculadas pela imprensa, era de admiração e louvor ao notável feito do físico alemão; algumas, entretanto, caracterizavam-se pelo lado ridículo ou pelo senso de humor.

Conforme relata Bleich (The story of X-rays from Roentgen to isotopes), a radiografia passou a ser objeto de curiosidade e até de preocupação, pois invadia a privacidade do corpo humano, oferecendo do mesmo uma representação fotográfica inestética.

Uma loja de confecções de Londres chegou a anunciar a venda de roupas íntimas à prova de raios-X.

Um deputado, em New Jersey, nos Estados Unidos, apresentou um projeto de lei proibindo o uso, no teatro, de binóculo provido de raios-X. Em New York a fluoroscopia era anunciada como "espetáculos de Roentgen", ao preço de cinco a 20 dólares.

A simplicidade dos primeiros aparelhos fez com que surgissem muitos amadores com instalações improvisadas, oferecendo fotografias com os misteriosos raios-X. Era comum, entre namorados, a troca de fotografias das mãos feitas com os raios-X.

Lojas de material fotográfico ofereciam componentes para a montagem de um aparelho simples de raios X que permitia reproduzir as experiências de Roentgen.

Somente depois que se tornaram conhecidos os efeitos nocivos da radiação sobre o organismo humano é que o seu uso se restringiu aos hospitais e clínicas especializadas, inicialmente para fins diagnósticos e, posteriormente, também para fins terapêuticos no tratamento de neoplasias malignas.

Ainda assim, as primitivas instalações não ofereciam proteção adequada e muitos médicos e operadores de raios X foram vítimas das radiações, apresentando radiodermite nas mãos, que levavam à amputação, e alta incidência de leucemia.

5.5 Werner Forssmann (1904-1979)

Em 1929, este médico alemão abriu a sua própria veia, introduziu um cateter até ao seu próprio coração e pediu a um amigo que o radiografasse para que todos pudessem acreditar. Aguentou a dor física, o medo de perder a sua vida, o cepticismo e o desprezo mas abriu caminho para a era da cirurgia de coração aberto que possibilitou a milhões de pessoas viverem hoje vidas mais longas e com qualidade.

Cateterizou-se nove vezes aplicando contraste em seu coração para poder visualizá-lo melhor e publicou vários estudos, mas somente 20 anos depois em 1949 em Nova York dois médicos André Frédéric Cournand (norte-americano nascido na França, 1895-1988), e Dickinson W. Richards (norte-americano, 1895-1973) retomaram os estudos de Werner e reintroduziram esta técnica na medicina o que levou a estes dois médicos e Forssmann, em 1956, a ganharem o premio Nobel da Medicina. Apesar de tardio, Forssmann teve seu reconhecimento.

6. A identidade do terapeuta atual

A evolução da história da medicina no mundo é muito complexa e não pode ser resumida num trabalho tão simples como este. A apresentação desta cronologia tem como objetivo mostrar, através de algumas datas e fatos, que a separação das medicinas orientais e ocidentais após Galeno, só levou a um prejuízo que estamos tentando arduamente resgatar.

É fácil perceber nesta breve cronologia que os inovadores que viveram no Ocidente sofreram perseguições ou foram ridicularizados. Isto caracteriza a nossa resistente visão as inovações, principalmente no que se relaciona à qualidade de vida e não leva ao lucro alguma Corporação. Nosso "sistema de saúde" deveria ser chamado "sistema de doença", pois não há lucro em manter as pessoas saudáveis...

A evolução histórica da medicina na China teve seus problemas, mas conseguiu sobreviver por 5000 anos. Neste longo período ela não se desviou da visão do homem holístico. Os chineses não duvidavam que o corpo e a mente (ou espírito) eram inseparáveis. O mesmo não aconteceu no ocidente, que teve sua história extremamente conturbada e interrompida por períodos obscuros.

A crença de que todos os aspectos dos organismos vivos só podem ser entendidos se reduzidos, nos acompanha até hoje. E o fenômeno que não pode ser entendido nestes termos é excluído. Sendo assim, o fenômeno de cura, que envolve uma complexa interação entre aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais é deixado de lado.

Finalizamos a história da Medicina Ocidental com uma frase do físico Fritjof Capra (1999, p.117): "A saúde e o fenômeno de cura tem tido significados diferentes conforme a época". E isto é bem perceptível na evolução da Medicina Ocidental.

Na história da medicina no ocidente, fica claro o aspecto reducionista que tomou conta do homem: iniciando com Descartes; fortalecendo nas Revoluções Industriais, e fragmentando ao extremo com o surgimento das especializações médicas, que começaram no século XIX e se estendem até hoje.

Esta visão reducionista foge do conceito de saúde atual definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na qual "a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doenças ou enfermidades", não pode ser mais admitida como base do pensamento do homem no século XXI. Um profissional da saúde, ser um especialista em uma determinada área, tem sua importância na atualidade, principalmente com os avanços no campo cirúrgico, mas este mesmo profissional, ao enxergar seu paciente somente pela sua formação de perito, reduz o mesmo à doença em que se encontra. Um especialista, com esta visão limitada será aquele que sabe mais e mais sobre menos e menos, com uma visão pontual e restrita do ser humano.

A pretensão de certos terapeutas que se dizem criadores de novas terapias e técnicas, depois dos fatos que temos na história, levam-nos a duas questões: **ou estes "gênios" não conhecem a história ou acham que nós não a conhecemos...**

Todo o crescimento da humanidade foi devido às incertezas e dúvidas. O questionamento leva ao crescimento. Acreditar que o universo do corpo e mente do ser humano possa ser entendido apenas por uma linha de pensamento científico ou esotérico é negligenciar toda a história. A ciência atual se construiu através da somatória do empirismo, de pensamentos filosóficos e analíticos, de árduos e cansativos experimentos e milhares de horas de pesquisa e leitura. Não existem descobertas que "vem do nada" através da "inspiração" e genialidade de uma única pessoa. Sempre existirá alguém na história que já "falou" sobre o assunto, de uma forma ou de outra. A Saúde não é propriedade de uma especialidade em particular, como também o conhecimento acumulado na história...

7. A busca de uma nova identidade

A busca por uma nova identidade como terapeutas nos leva a resolver questões mais complexas e profundas dentro de nós mesmos. Como exemplo, posso citar que milhares de pessoas morrem de fome na Etiópia, enquanto milhares de pessoas morrem de doenças da obesidade nos EUA.

Existe um grande desequilíbrio dentro de nós: será que tudo o que queremos é o que realmente necessitamos, será que o tempo que perdemos assistindo ou lendo futilidades e violência, com a desculpa que estamos nos atualizando das informações do mundo, não é o que realmente faz do mundo como ele é?

Existem dois tipos de aprendizes:

- Um é aquele que após receber um alerta de uma conduta ou pensamento inadequado, mesmo sabendo de suas limitações e que o que foi pedido pelo "mestre" está muito longe do seu conhecimento e habilidades, não procura desculpas para suas limitações e busca a melhora, pois no seu íntimo sabe de suas falhas;

- Já o outro tipo, sob as mesmas circunstâncias de pressão, é aquele que sempre tem desculpas para tudo, sendo que a sua maior habilidade (se não for a única) é dar desculpas. Este fecha seu mundo em sua filosofia alienada e se diz dono de opinião própria e gênio forte, sendo que a única coisa forte neste ser é a **estupidez**.

Vocês é que vão decidir se vão usar o tempo disponível procurando desculpas ou encontrando soluções. Em nossa época atual, ignorância é uma opção e não uma situação.

Ou você faz a sua própria história ou fica apenas observando a história dos outros...

8. Referências Bibliográficas

CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Traduzido por Álvaro Cabral. 22 a ed. São Paulo: Cultrix, 1999. 447 p.

CD-ROM Almanaque Abril 98, Almanaque Abril 98/Linha do Tempo, 5. ed. 1998

CHERÉ, Anselmo. Agulhas que curam. Revista Saúde Paulista. São Paulo, N. 6. Ano 2: 1721, Abr/Jun 2002.

GIORDANI, Mário Curtis. História da Antiguidade Oriental. Ed. Vozes, 1997.

HOPWOOD, Vai, LOVESEY, Maureen, MOKONE, Sara (orgs.) Acupuntura e Técnicas Relacionadas à Fisioterapia. Tradução Rosiléa Pizarro Camelós. São Paulo: Manole, 2001. 245 p.

HUARD, Pierre. WONG, Ming. Cuidados e Técnicas do Corpo na China, no Japão e na Índia. Tradução Carlota Gomes. São Paulo: Summus, 1990. 317 p.

KOTTKE, Frederic J. LEHMANN, Justus F. Tratado de medicina física e reabilitação de Krusen. v. 1, 4. ed. São Paulo: Manole, 1994. 707 p.

MACIOCIA, Giovanni. Os Fundamentos da Medicina Chinesa: um texto abrangente para acupunturistas e fitoterapeutas. Tradução Luciane M. D. Farber. São Paulo: Roca, 1996. 658 p.

MANN, Felix. Acupuntura: a antiga arte chinesa de curar. São Paulo: Hemus, [1971]. 208 p.

NESTLER, Gary. Tradicional Chinese Medicine. Revista: Medica) Clinics of North America. v. 86. N. 1. Jan, 2002. <http://www.mdconsult.com>

REBELATTO, José R. BOTOMÉ, Sílvio P. Fisioterapia no Brasil: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais. 2. ed. São Paulo: Manole, 1999. 309 p.

ROSS, Jeremy. Zang-Fu: Sistema de órgãos e Vísceras da Medicina Tradicional Chinesa. Traduzido por Norma de Paula Palomas. São Paulo: Roca, 1994. 267 p.

SINGER, Jeffrey A. (2002) Acupuncture, a brief introduction. <http://www.acupuncture.com/Acue/Acupuncture.Htm>

STONE, AI. (2002) Western and Eastern Medicine Compared. <http://www.acupuncture.com/Acup/Comparison.Htm>

URBAN, Paulo. (2002) Hipócrates e a Medicina Chinesa. <http://Www.fisioterapia.com.br>

WONG, Ming. Exploração Clínica na Medicina Chinesa: Shang-Han Lun. Tradução Zilda Barbosa Antony. São Paulo: Andrei, 1988. 309 p.

YAMAMURA, Ysao. Acupuntura Tradicional: a arte de inserir. São paulo: Roca, 1998. 627 p.

***Todos os direitos reservados a HUMANIVERSIDADE HOLÍSTICA.
Proibida a reprodução, comercialização e divulgação, total ou parcial deste material, salvo quando,
autorizado previamente por escrito pela nossa INSTITUIÇÃO.***